

Arquitetura campestre na obra de Ramos de Azevedo: a Fazenda São Vicente, em Campinas [SP]

Maria Rita Silveira de Paula Amoroso



Mestranda em Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Arquiteta e Urbanista. Campinas [SP], Brasil. <maritadpa@terra.com.br>.

Apresentado no 3º Seminário de Arquitetura Rural. Campinas [SP], Brasil, 2008.

Resumo

O engenheiro-arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo produziu uma obra essencialmente urbana que recebeu nos últimos anos uma significativa atenção por parte dos historiadores da arquitetura. Todavia, a produção técnica deste profissional também possuiu uma dimensão rural, como é o caso da sede do antigo complexo cafeeiro da Fazenda São Vicente, em Campinas [SP], que foi objeto de uma restauração concluída em 2006 e que é o objeto da presente comunicação. Coloca-se em evidência as relações entre o que seria uma arquitetura urbana e uma arquitetura rural, destacando como os saberes técnicos são apropriados por agentes sociais no contexto de uma cultura burguesa no auge do ciclo econômico do café no Estado de São Paulo.

Palavras-chave

Arquitetura Rural, patrimônio cultural, paisagem.

Rustic architecture in the Ramos de Azevedo job: the São Vicente farm, in Campinas [SP], Brazil

Abstract

The engineer-architect Francisco de Paula Ramos de Azevedo produced an essentially urban work which received, in recent years, significant attention by the architecture's historians. However, the technical production of professional also has a rural dimension, such as the case of the former coffee complex of the "Fazenda São Vicente", Campinas [State of São Paulo], which was the object of a restoration completed in 2006 and is also the object of this paper. It's evidenced the relationships between what would it be an urban architecture and a rural architecture, highlighting how the technical skills are captured by social agents in the context of a bourgeois culture in the peak of the economic coffee cycle in the State of São Paulo.

Keywords

Rural Architecture, cultural heritage, landscape.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo principal fazer uma reflexão sobre o processo de restauro da Fazenda São Vicente e discutir a arquitetura campestre na obra de Ramos de Azevedo.

O professor Carlos Lemos, em sua clássica obra denominada *Alvenaria Burguesa*, publicada pela primeira vez em 1985, em São Paulo, pela Editora Nobel, nos revela, sobretudo, a cultura profissional no campo da engenharia e da arquitetura na cidade de São Paulo na segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX (LEMOS, 1985).

Um dos personagens que se destaca neste percurso é o arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo, brasileiro formado na Bélgica, matriculado na Université de Gand em 1875. Após concluir seus estudos, Ramos de Azevedo voltou ao Brasil e estruturou a sua vida profissional na cidade de Campinas, onde realizou algumas obras que lhe dariam renome. Suas obras chamaram a atenção do então governador da Província, Visconde de Parnaíba, que convidou o jovem e talentoso arquiteto para projetar obras oficiais na capital paulista. O Visconde de Parnaíba é considerado o grande promotor e incentivador da decisão do arquiteto de mudar-se para São Paulo em 1886, motivado por um convite do governador para construir a sede do Tesouro Nacional (CARVALHO, 1998, p. 9). O diálogo da história com outros campos do saber revelou, até o momento, que Ramos de Azevedo produziu uma obra essencialmente urbana. Todavia, esta produção técnica também possuiu uma dimensão rural. O professor Carlos Lemos chama atenção para a existência de projetos de Ramos de Azevedo voltados para uma arquitetura campestre desde a publicação da primeira obra comentada, em que revela um projeto de residência neste estilo (LEMOS, 1985).

No início do século XX, Ramos de Azevedo passa a ser o “arquiteto oficial da cidade”, segundo Silvia Haskel e Lucia Gama, pois o mesmo seria o responsável pelas principais obras públicas então realizadas (HASKEL; GAMA, 1998, p. 22).

Segundo Campos (1998, p.31) foi intensa a febre construtiva na cidade de São Paulo nos anos entre 1870 e 1880. Paralelamente à produção oficial, tanto Ramos de Azevedo quanto os demais engenheiros atuantes no período, vão atender à demanda do estrato mais elevado da sociedade paulistana, que recorria a profissionais diplomados para o projeto e construção de edifícios das mais variadas naturezas. Estes engenheiros, como Mateus Haussler e Ramos de Azevedo, construíam para os Pais de Barros. Mateus Haussler, de origem alemã que já estava em São Paulo em 1882 e seria escolhido em 1886 pelo presidente da Província para idealizar a Hospedaria dos Imigrantes, construiu a suntuosa mansão de estilo neo-renascentista de Antonio Pais de Barros na Rua Florêncio de Abreu por volta de 1887/1888.

Atendendo ainda à demanda desta família, Ramos de Azevedo projetaria para a Baronesa de Limeira, Francisca de Paula Souza, a Fazenda São Vicente, localizada em Campinas.

A Fazenda São Vicente¹ fez parte de um dos maiores latifúndios pertencente ao Brigadeiro Luiz Antônio, tendo seu filho Vicente de Souza Queiros, o Barão de Limeira como herdeiro. Em 20 de junho de 2003, o Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Campinas (CONDEPACC) abriu *ad referendum* um processo de estudo de tombamento de parte do leito férreo da antiga Estrada de Ferro Mogiana, incluindo neste processo a Fazenda São Vicente, sua sede que possui projeto de autoria de Ramos de Azevedo, o trecho da Mata Nativa na sua envoltória e a Estação Pedro Américo².

De propriedade da família Paes Barros a cinco gerações, a fazenda foi construída pela Baronesa de Limeira. Esta fazenda foi objeto de uma restauração nos últimos anos, concluída em 2007, e que é o objeto específico desta comunicação. O complexo cafeeiro, de uma das maiores fazendas produtoras de café na cidade de Campinas no início do século XX, engloba a sede principal, projeto de Ramos de Azevedo, a residência do administrador, a tulha com maquinários de beneficiamento, oito terreiros de café, o sistema completo de lavagem, a serraria e a capela.

O Barão e a Baronesa de Limeira eram os tios maternos do Barão Geraldo de Rezende que por sua vez possuíam a maior fazenda modelo de café do final do século XIX no estado de São Paulo a Fazenda Santa Genebra, inclusive o Barão Geraldo foi quem construiu e levou a estrada da funilense a passar dentro de suas terras para recolher o café beneficiado.

Essas grandes fazendas além de seus proprietários possuírem uma união pelos laços sangüíneos possuíam também entre si interesses econômicos e políticos na cidade de Campinas e suas fazendas eram vizinhas.

A Baronesa de Limeira já viúva continuou mantendo as suas terras e o café em expansão na região de Campinas, graças a esses importantes laços de parentesco e principalmente através, de seus filhos.

Uma transcrição da escritura de outro latifúndio da Baronesa de Limeira, latifúndio vizinho a Fazenda São Vicente, Fazenda Atibaia, hoje denominada Fazendinha, revela que este lhe pertencia e foi transmitido à sua filha Dona Sebastiana de Souza Queiroz.

A Baronesa de Limeira, Dona Francisca de Paula Sousa, foi uma mulher muito ativa para seu tempo, alias como eram todas as grandes mulheres desta época e como também foi Dona Veridiana Prado, filha de um dos homens mais ricos de São Paulo e que muito jovem e recém casada seguiu com o marido sertão adentro para abrirem sua própria fazenda herança de casamento [...]

¹ São Vicente é o Santo padroeiro existente na capela da fazenda até os dias de hoje.

² Processo de Tombamento n.º 003/03 Protocolo 10/17641/03 INT: CONDEPACC. (CAMPINAS, 2004)

[...] *D. Veridiana*³ acompanhava-o (marido) e no duro período inicial deve ter levado a vida clássica da fazendeira antiga, cuidando da casa, dos escravos e dos filhos (HOMEM, 1996, p.97).

Quando enviuvou em 1890 a Baronesa segundo Campos (1998, p.31) reformou sua casa utilizando-se para tal do escritório de Ramos de Azevedo e em 1894 continuava a trabalhar com esse mesmo arquiteto. Naquele momento, a Baronesa estava fazendo um Palacete na esquina da Rua Riachuelo, além de mais duas casas de aluguel, pois neste período já se podia sentir uma expansão neste novo mercado de alugueis que surgia em São Paulo e onde muitos barões passaram também a investir recursos como mais uma das maneiras de aumentar e assegurar suas fortunas.

Analisando este período de 1890 a 1894 observamos uma mulher sozinha tomando a frente empreendimentos que demandavam altos investimentos e, como sabemos este escritório com seu principal arquiteto já trabalhava junto com esta família. Inclusive, a família tinha Ramos de Azevedo como sócio fundador no Banco União do qual era a principal acionista. Se Analisarmos todos esses acontecimentos e a época que foi realizada a construção da sede da Fazenda São Vicente iremos encontrar não apenas mais uma fazenda de café, mas uma fazenda que estava no auge de sua produção cafeeira e que inclusive para acelerar o transporte de sua produção de café beneficiado possuía dentro de sua propriedade um ramal da ferrovia Mogiana que transportava mais rapidamente sua produção para o Porto de Santos, através da Estação Gety. Em 1914, a propriedade já pertencia a uma das filhas da Baronesa de Limeira, e contava com 200 alqueires de terras e 92 mil pés de café. Hoje, a propriedade está dividida entre herdeiros. A sede da Fazenda São Vicente pertence ao herdeiro da família, Ruben Pais de Barros.

A fazenda São Vicente quando de sua implantação seguiu as recomendações da literatura agrícola existente, como as recomendações do Paty do Alferes, Monbeig entre outros, utilizando-se ainda das novas técnicas e materiais que estavam chegando com o século XIX.

A primeira casa que vamos encontrar nesta fazenda está a uma distancia muito pequena da sede principal, cerca de 200 metros.

Podemos analisar esta primeira casa através de seu partido arquitetônico e de sua tipologia. Ela foi construída utilizando a meia encosta onde se encontra um porão na sua parte fronteira dando a impressão de um sobrado utilizando-se de um partido muito conhecido e citado por Lemos no seu livro a *Casa Paulista* como sendo tipicamente um partido mineiro-paulista (LEMONS,1999). Suas janelas ainda são em escuros. Nesta casa encontramos as funções dormir, comer, estar, cozinhar interagindo sem separação alguma, inclusive encontramos as portas de seus quartos dando para sala de visita, todos interligados à varanda e também observamos que tanto a sua cozinha como o banheiro se encontram no prolongamento da casa. Isto nos mostra uma casa que estava preparada mais para

³ Veridiana Prado, filha de Antônia da Silva Prado, o Barão de Iguape e de sua mulher, Maria Cândida de Moura Vaz, além de prospero comerciante de açúcar o barão era proprietário de animais de carga, concedia empréstimo e arrematava contratos de cobrança de rendas publicas (cf. Homem 1996, p.97).

um funcionário ou um administrador e não para hospedar uma Baronesa com sua família e receber seus convidados (Figura 1).



Figura 1. Antiga casa da Fazenda São Vicente. Foto: Amoroso (2007).

Se analisarmos o fato que era necessário construir com mais salubridade, ventilar mais a casa, separar as funções como já se falava e fazia no século XIX, esta casa era inadmissível como moradia desta camada abastada. Campinas também já trabalhava seus códigos de postura desde 1829, inclusive tendo Ramos de Azevedo elaborado o código de postura de 1885 (GOES, 2000, p.283).

Se este código de postura já estava sendo colocado em prática, podemos imaginar que a baronesa já tinha conhecimento não apenas destes procedimentos para reformar sua casa em São Paulo como também para construir seu palacete. O que nos leva a refletir que provavelmente ela também exigiria a aplicação destes princípios na sua fazenda, podemos assim continuar a analisar o contexto da fazenda São Vicente.

Para discutir os aspectos da constituição de uma arquitetura campestre na obra de Ramos de Azevedo como nos sinaliza o professor Carlos Lemos, consideramos significativo analisar a sede da Fazenda São Vicente procurando compará-la com a sede da Fazenda Palmital na cidade de Ibaté, próxima a São Carlos, também projeto de Ramos de Azevedo e que foi objeto de estudo detalhado recentemente por Wladimir Benincasa. O engenheiro-arquiteto Ramos de Azevedo teria elaborado o projeto ainda em Campinas da reforma da sede da Fazenda Pau D'Alho. A construção do edifício sede da Fazenda Palmital data de meados da década de 1890 quando, portanto, já pertencia à família Moreira de Barros. Neste mesmo período foi construída a Fazenda São Vicente em Campinas, que também pertencia à família Barros (BENINCASA, 2003, p.290).

A nova sede (Figura 2) ao contemplar este novo conceito de morar, propondo um novo projeto, foi construída na parte mais alta da fazenda mantendo sua posição assim como da anterior com uma vista privilegiada e também mantendo o controle de todos os trabalhos a serem realizados na fazenda.



Figura 2. Sede da Fazenda São Vicente. Foto: Amoroso (2007).

Uma análise comparativa entre as sedes da Fazenda Palmital e da Fazenda São Vicente nos permite verificar a constituição de uma tipologia específica para a arquitetura campestre.

A descrição que Benincasa (2003, p.291) faz da sede da Fazenda Palmital é muito semelhante àquela que podemos construir para a sede da Fazenda São Vicente, pois as mesmas características tipológicas estão presentes na implantação da sede no terreno, na formação do alpendre e, a partir dele, na distribuição dos cômodos principais, nas janelas e portas e suas molduras, no volume da construção, no desenho da fachada, nos telhados, na utilização do ferro fundido e no uso do concreto armado.

Segundo Benincasa (2003), a sede da Fazenda Palmital:

[...] tem sua imponência realçada pela localização, quase ao alto de uma colina, ligeiramente afastada do antigo conjunto de edificações [...] em meio a um magnífico jardim [...] e possui características fortemente influenciadas pelo ecletismo francês notadamente pelas casas de Cesar Daly. (BENINCASA, 2003, p.290).

A fazenda São Vicente teve sua construção realizada inteiramente em tijolos, como as belas chácaras que estavam sendo implantadas em São Paulo no centro do lote

e fachadas trabalhadas, sobre um porão alto assentado sobre baldrame de pedra (Figura 4), com pisos de lajotas de barro e com uma ventilação cruzada através de óculos gradeados. Muitas inovações surgidas nas casas urbanas foram também utilizadas nas residências rurais neste período de auge da economia cafeeira em São Paulo, como os porões com alturas suficientes para evitar a umidade (HOMEM, 1996, p.2).



Figura 4. Sede da Fazenda São Vicente. Foto: Amoroso (2007).

Os mesmos procedimentos em relação à distribuição dos cômodos no interior da casa podem ser notados pela própria movimentação do telhado. Na sede da Fazenda São Vicente, tanto na fachada principal como na lateral são criados alpendres distintos. A Fazenda São Vicente se destaca em sua proporção e equilíbrio no trabalho de seus beirais e nas grimpas de ponteiros de madeira. De seus alpendres, com grades e colunas de ferro, tem-se o domínio de toda a fazenda, o que permitia não apenas o controle de suas áreas de trabalho, como o controle da tulha, serraria, terreiros, capela, jardins e lagos.

A divisão desta nova moradia contemplou como todas as plantas do arquiteto Ramos de Azevedo a entrada alpendrada (Figura 5) onde vamos encontrar três portas, a porta principal no centro deste alpendre que levava diretamente ao vestíbulo, a porta à direita deste alpendre dando diretamente para o escritório onde o visitante era atendido sem entrar na casa, apesar de haver também outra porta neste cômodo ligado diretamente ao vestíbulo e uma porta a esquerda que servia de acesso a sala de jantar e onde esta sala também possuía mais duas portas internas, sendo uma delas ligada diretamente ao vestíbulo e a outra ao corredor. Quanto à

formação do alpendre e à distribuição dos cômodos principais na Fazenda Palmital, Benincasa (2003) afirma que:

[...] do alpendre, tem-se acesso a três cômodos: o vestíbulo, a sala de visitas e um terceiro cômodo que pode ter sido um escritório, uma biblioteca, ou mesmo um dormitório [...] a porta principal, situada ao centro da parede do fundo do alpendre dá acesso ao mencionado vestíbulo (BENINCASA, 2003, p.291).



Figura 5. Alpendre da sede da Fazenda São Vicente com a entrada do porão. Foto: Amoroso (2007)

Esse **vestíbulo** de distribuição era uma novidade nas fazendas, pois ele tinha a função de receber e distribuir para os outros cômodos os convidados. Geralmente esse cômodo, como na fazenda São Vicente, além da riqueza do mobiliário - quadros, tapeçarias, lustre de cristal - possuía também muita iluminação natural proporcionada pelas grandes janelas envidraçadas e onde se encontrava uma decoração pictórica em suas paredes. Foi através da introdução deste cômodo que se deu o início de uma alteração na separação das funções da casa, pois foi a partir dele, que a distribuição para os outros cômodos se sucedeu e onde começamos a participar da intimidade da família se ela assim o desejasse.

Na Fazenda São Vicente, assim como em outras plantas de Ramos de Azevedo, encontramos outra novidade: a presença de um dormitório ou saleta ao lado do **escritório** próximo ao vestíbulo, pois era muito útil no caso de visitantes e quando não fosse ocupado como dormitório poderia se transformar em mais outra sala de receber. Não se tratava mais daquele quarto da casa bandeirista que recebia o tropeiro ou um viajante, que se encontrava totalmente fora da casa e do convívio íntimo de seus ocupantes. Aqui, nós vemos um cômodo que poderia sim servir para

um convidado que participava do convívio social com novos hábitos e educação refinada.

Para o resto da casa, vamos encontrar uma distribuição que segue para os **quartos** através de um corredor, quartos estes também com decoração pictórica em suas paredes e áreas de serviços. O uso de cores nos cômodos, com recurso aos pigmentos coloridos e o trabalho realizado nas faixas decorativas, com a utilização da técnica de *tromp-oiel*, deram às casas rurais um aconchego maior, uma nobreza similar às salas européias como podemos notar na Fazenda São Vicente. A decoração de suas paredes internas, todas com faixas decorativas superiores - denotam a preocupação em estar atualizado quanto aos modelos decorativos europeus. Esta decoração mural (Figura 6) era utilizada principalmente na sala de visita, considerada um dos ambientes mais importantes da casa rural.



Figura 6. Faixa decorativa restaurada da sala de jantar da casa sede da Fazenda São Vicente em Campinas [SP]. Fonte: Amoroso M.R. (2007).

O uso de cores nas paredes, nas portas, nas faixas, nos gradis, nos forros e nas fachadas, nos mostra a importância da estética na construção rural desse período. Ramos de Azevedo soube tirar partido da decoração mural tanto ao projetar seus palacetes no meio urbano como na arquitetura campestre levando também ao meio rural um pouco de civilidade.

O corredor também se apresenta decorado com pinturas murais e iluminado por clarabóia, revelando uma preocupação de iluminá-lo com luz natural (Figura 7).

O que notamos nesta distribuição é uma definição clara dos espaços totalmente iluminados. Não vamos encontrar nenhum cômodo na fazenda São Vicente sem janelas. Todas as suas janelas ajudam a proporcionar aos ambientes de grande iluminação e ventilação (Figura 8).



Figura 7. Detalhe da decoração pictórica da fazenda São Vicente, corredor com Palma de Santa Rita. Foto: Amoroso M.R. (2007).



Figura 8. Janelas possuía caixilhos de *pinho de Riga* com vidros importados. Foto: Amoroso M.R. (2007).

Esta não foi uma preocupação encontrada na primeira morada onde observamos que ao fecharmos às janelas e portas a entrada de ar era prejudicada pela ausência

de ventilação, devido à utilização nas janelas dos escuros. Certamente, esta era a maneira correta encontrada na época, quando foram utilizadas as madeiras mais rústicas da própria fazenda e sem nenhuma preocupação artística em sua confecção; inclusive, esta solução fazia parte, como sabemos do sistema construtivo empregado. Não havia preocupação maior naquele momento com a salubridade.

A introdução da sala de banho, o uso da água encanada para a sala de banho e para a cozinha, a delimitação de uma área própria de serviço revelam as novas noções higienistas implicando numa alteração na planta da casa rural anterior a nova sede.

Essas novas soluções de projeto vão separar e distanciar funções antes integradas no mesmo cômodo. As casas rurais utilizavam as chamadas varandas como sala de jantar, local de encontro da família, sala da costura, do banho das crianças, enfim, onde varias funções se encontravam sem problemas, onde escravos, sinhozinhos e senhores ficavam por horas trabalhando e conversando lado a lado e que foram se alterando na medida em que houve a substituição do escravo pelo “colono”, trabalhador assalariado, como o que encontramos no caso da Fazenda São Vicente.

Essas alterações, juntamente com o ecletismo que se instalou principalmente em São Paulo pelas mãos do engenheiro arquiteto Ramos de Azevedo, foram paulatinamente modificando o cenário da moradia rural.

Se observarmos a casa da Baronesa de Limeira em São Paulo, identificaremos a mesma distribuição onde uma escadaria levava ao vestíbulo e esta para as áreas nobres. Encontraremos também uma entrada lateral, como na Fazenda São Vicente, onde uma escada termina num segundo alpendre e este na copa de apoio à sala de jantar e próxima a cozinha. Ainda, percebe-se que a própria cozinha também possui sua escada de acesso independente ligada externamente ao porão onde encontramos o seu uso para apoio dos serviços. Se observarmos a distância entre cozinha da fazenda e a sala de jantar vamos perceber que também não era possível perceber o odor da comida sendo preparada. A introdução da copa para apoio na hora de servir também denota um refinamento nas atitudes de seus moradores, já que esta introdução mostra que serviçais aguardavam o momento certo de levarem para a mesa a comida já preparada, mas agora arrumada em lindas bandejas de prata e porcelanas. Esta distancia também servia para manter a intimidade de seus ocupantes, já que as conversas agora passaram a serem feitos de maneira mais elegante e polidos e muitos assuntos tratados só seriam de interesse restrito da própria família.

Outra modificação enriquecedora foi a movimentação dos **telhados** conseguida graças a liberdade que o tijolo proporcionou quando permitiu inúmeras alterações nas fachadas. Este movimento trouxe mais leveza e retirou aquela aparência austera do antigo casarão de fazenda tão bem conhecido de todos. O uso de telhas francesas, importadas de Marselha, tornou esses telhados mais vistosos, inclusive pela inclinação mais acentuada e também por serem melhores elaboradas e regulares. Na solução do telhado da Fazenda São Vicente, podemos notar a preocupação com os preceitos higienistas, pois, ao adotar esse tipo de telha, que exige uma inclinação muito maior que a telha tradicional, cria-se uma nova solução

em substituição ao uso da solução capa e canal, muito comum nos telhados brasileiros desde a época da colônia.

O telhado vai permitir o surgimento de um novo espaço na casa, o sótão, onde estarão as tesouras, vigas e caibros de sustentação do telhado de várias águas, de tal maneira que será possível circular por todo ele (Figura 9).



Figura 9. Detalhe do sótão da Fazenda São Vicente, verificar a passarela criada no restauro para manutenção. Foto: Amoroso M.R. (2006).

Não mais aquele peso e não mais também a mesma fachada igual de todos os lados, agora tanto as paredes tinham movimento, quanto seus telhados recebiam telhas mais leves e uniformes, as telhas francesas vindas de Marselha. Todo um processo industrial foi empregado nesta nova sede, desde vidros importados, grades, pilastras, condutores de cobre, maçanetas de portas, dobradiças e tudo que a importação e a indústria estavam proporcionando. Apesar de ter seu piso todo assoalhado, já não se encontrava mais na nova sede aquelas madeiras rústicas de tamanhos variados ou pisos de terra batida, agora ela passava a receber um tratamento mais elaborado, onde artesãos e trabalhadores especializados eram necessários para sua execução, inclusive recebendo em sua lajes em abobadilhas os ladrilhos hidráulicas. O alpendre da Fazenda São Vicente possui uma laje executada com tijolos e trilhos de ferrovia, apresentando uma concretagem rudimentar (Figura 10).

O porão da sede da Fazenda São Vicente foi executado com piso de tijolos sobre base de terra batida. Se observarmos as paredes da casa a partir do porão, veremos perfeitamente o desenho dela toda se repetindo embaixo. Isto porque as paredes de tijolos nasciam ali no porão, não existindo vigas e pilares de concreto como hoje. Ela foi totalmente estruturada nas próprias paredes: a estrutura da casa era ela mesma.

Isso foi constatado no início do restauro, ao se fazer a prospecção de sua fundação. As vigas de suporte do assoalho, juntamente com todas as madeiras de toda a casa, podem ser vistas e identificadas claramente, quando estamos em seu porão. Inclusive, é ali que também observamos a direção das tábuas corridas dos assoalhos.



Figura 10. Laje em abobadilha. Observar os trilhos e os tijolos nos entre meios. Fonte: Amoroso M.R. (2005).



Figura 11. Ladrilho Hidráulico, observar as várias cores e formas encontradas no desenho deste ladrilho encontrado no alpendre da Fazenda São Vicente. Foto: Amoroso M.R. (2005).



Figura 12. Assoalhos que compõem os pisos dos cômodos, na parte superior, eram todos de peroba rosa. Fonte: Amoroso M.R. (2007)

A sede da Fazenda São Vicente passava a retratar **uma nova maneira de morar, utilizando em sua arquitetura um estilo campestre, podemos dizer bucólico e ao mesmo tempo romântico, que** atendia a função de uma fazenda, mas que deixava seus ocupantes ligados à civilização pelas inúmeras comodidades proporcionadas como as casas de campo na França, as *cottage*.

Nesta obra de Ramos de Azevedo percebe-se um requinte no processo construtivo, que revela a origem burguesa dos proprietários que a encomendaram. Os assoalhos que compõem os pisos dos cômodos na parte superior eram todos de peroba rosa, e suas janelas possuíam caixilhos de pinho de riga com vidros importados. Levar a cidade para o campo através do conforto proporcionado por todos os meios que o século XIX contemplou e lembrando que tudo isto se deveu a riqueza trazida pelo café, são reflexões a serem colocadas no momento em que esta arquitetura eclética nos foi colocada como inovação, mas como solução para resolver os problemas de salubridade.

A sede da fazenda São Vicente no período de sua execução foi extremamente coerente com as posturas vigentes.

É importante destacar que outro grande fazendeiro Francisco Bueno de Miranda e também empreendedor convidou Ramos de Azevedo para executar sua casa dentro de um bosque denominado Jequitibá em **1880** em Campinas, trabalhando com as mais sofisticadas técnicas construtivas e paisagísticas e que era aberta ao público

para visitação, esta sua chácara serviu de modelo para apresentar varias destas alterações trazidas pelo século XIX.

Como visto anteriormente, a Baronesa de Limeira utilizou o escritório deste profissional entre **1890 e 1894** em São Paulo e como sua fazenda em Campinas já estava na lista das maiores fazendas de café da região, faz sentido afirmar que ela poderia conhecer também o projeto deste bosque dos Jequitibás, realizado por Ramos de Azevedo, anterior as suas reformas e construção em São Paulo de seu palacete, mas muito conhecido da elite Campineira, pois seu proprietário só recepcionava pessoas extremamente ilustres, sendo, portanto muito provável inclusive a Baronesa ser também sua convidada. Diríamos também que pelo fato da Baronesa ter outros exemplos dentro da própria família como clientes deste profissional é plausível pensar que ela também desejasse que ele projetasse a sede de sua fazenda, assim como o fez para o seu palacete em São Paulo, dando continuidade aos projetos da capital.

A Fazenda São Vicente teve sua sede construída no ultimo quartel do século XIX na mesma época que Ramos de Azevedo estava também construindo fazendas em São Carlos inclusive fazendas pertencentes também a mesma família da Baronesa.

Não podemos afirmar que ele Ramos de Azevedo acompanhou e construiu esta fazenda de Campinas, assim como a Jambreiro e a Pau D'Alho, mas se pensarmos que a Pau D'Alho foi um parcelamento da Fazenda Anhumas e que pertenceu também ao Vicente de Sousa Queiros seu marido e parte da ampliação e reforma foi realizada por Ramos de Azevedo, não tem sentido a baronesa escolher outro arquiteto, isso não era comum⁴.

O fato de Ramos de Azevedo estar sempre em Campinas e atender a inúmeras solicitações de projetos para esta cidade, ser ele campineiro e se relacionar com estas famílias, nos levam a crer que ele poderia sim, ter projetado esta sede. A Baronesa precisava de um lugar agradável e compatível com seu estilo de vida, ela não iria sair de São Paulo para se hospedar na primeira casa da fazenda, principalmente por já ter adquirido novos hábitos. A sede da fazenda São Vicente possui um projeto erudito com uma planta que atende as necessidades urbanas numa área rural.

A separação dos serviçais, a decoração, os materiais empregados na sua construção demonstram o quanto esse programa já estava afinado com o discurso do ecletismo e dos sanitaristas.

Quando se compara a fazenda São Vicente com a fazenda Palmital (ambas atribuídas a Ramos de Azevedo) encontramos muita semelhança desde estilísticas, quanto tipológicas, isso tudo corrobora a tese da atribuição desta sede ao engenheiro arquiteto Francisco Ramos de Azevedo.

⁴Em 1880 foi executadas reformas de ampliações na sede da Fazenda Pau d'álho pelo arquiteto Ramos de Azevedo de acordo com as pesquisas da Arquiteta Sílvia Zakia. A fazenda Pau d'álho teve seu tombamento pelo CONDEPACC aprovado no dia 11/12/2008.



Figura 13. Sala de visitas da Fazenda São Vicente. Fonte: Brugier (2007).

Referências

BENINCASA, Vladimir. **Velhas Fazendas**: arquitetura e cotidiano nos Campos de Araraquara 1830 a 1930. São Carlos: EdUFSCar ; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003.

CAMPOS, Eudes. O ecletismo paulistano no tempo do jovem Ramos de Azevedo. **Revista do Departamento do Patrimônio Histórico**, São Paulo, ano 5, n. 5, jan. 1998, p. 31.

CARVALHO, Maria Cristina Wolff. A Arquitetura de Francisco de Paula Ramos de Azevedo: o itinerário profissional do engenheiro arquiteto, protagonista da introdução dos modelos europeus em São Paulo, na virada do século. **Revista do Departamento do Patrimônio Histórico**, São Paulo, ano 5, n. 5, jan. 1998, p. 9.

HASKEL, Silvia Haskel; GAMA, Lucia. Ramos de Azevedo e a cidade. **Revista do Departamento do Patrimônio Histórico**, São Paulo, ano 5, n. 5, jan. 1998, p. 22.

HOMEM, Maria Cecília Naclerio. **O palacete paulistano e outras formas de morar da elite cafeeira-1867-1919**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LEMOS, Carlos. **Arquitetura burguesa**. São Paulo: Nobel, 1985.

LEMOS Carlos A. C. **Casa Paulista**: história das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo café. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999.

MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. 2 ed. São Paulo: Hucitec-Polis, 1998.

WERNECK, Francisco Peixoto de Lacerda. **Memória sobre a fundação de uma fazenda na Província do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1985. (Barão de Paty do Alferes).